

A literatura – uma viagem inesgotável e sem fronteiras*

Irene de Paula

Resumo: O objetivo deste artigo é fazer uma análise dos temas que foram essenciais na elaboração e na trajetória literária do escritor haitiano Dany Laferrière – a leitura, a intertextualidade, a viagem, o sexo, as memórias da infância, a luta pela diversidade, a desconstrução dos estereótipos raciais e nacionais, etc. –, amplamente desenvolvidos em sua “autobiografia americana”. Privilegio, para tal fim, a análise de *Je suis fatigué* (2000/2005), bem como das novas edições revisadas e aumentadas de *Cette grenade* (2002) e *Le goût des jeunes filles* (2004), nas quais o autor revisita o passado, redescobrendo e recriando a própria obra e sua história.

Palavras-chave: autoficção; intertextualidade.

Abstract: The objective of the present article is to make an analysis of the themes that were essential to the literary journey and elaboration of the Haitian writer Dany Laferrière – reading, intertextuality, travel, sex, the memories from childhood, the fight for diversity, the deconstruction of racial and national stereotypes, etc. –, which were largely developed in his “American autobiography”. I privilege, to that end, the analysis of *Je suis fatigué* (2000/2005), as well as the revised and amplified new editions of *Cette grenade* (2002) and *Le goût des jeunes filles* (2004), in which the author revisits the past, rediscovering and rewriting his own work and history.

Key words: autofiction; intertextuality.

Résumé: L’objectif du présent article est de faire une analyse des thèmes qui ont été essentiels dans l’élaboration et dans le parcours littéraire et de l’écrivain haïtien Dany Laferrière – la lecture, l’intertextualité, le voyage, le sexe, les mémoires d’enfance, la lutte pour la diversité, la déconstruction des stéréotypes raciaux et nationaux, etc. – largement développés dans son «autobiographie américaine». Je privilégie, dans ce but, l’analyse de *Je suis fatigué* (2000/2005), ainsi que de nouvelles éditions révisées et augmentées de *Cette grenade* (2002) et de *Le goût des jeunes filles* (2004), où l’auteur fait un retour au passé afin de redécouvrir et de réécrire son œuvre et son histoire.

Mots-clés: autofiction; intertextualité.

* Prêmio ABECAN/Zilá Bernd 2009 – categoria Tese de Doutorado.

*Par mes routes trépassées...
Bonne route pèlerin...
Aux exploits du poète las
Mon vitrail disloqué
Aux rails de la mélodie*
(Saint-Aude)

Por que escrever? E por que parar de escrever? Esses são os questionamentos que guiam o escritor quebequense de origem haitiana Dany Laferrière, em *Je suis fatigué* – primeiro livro escrito após o término de sua longa “autobiografia americana” –, onde o autor faz uma espécie de balanço de sua vida e obra a fim de compreender as motivações, os desejos e acasos que o levaram a trilhar o caminho que trilhou e a escrever o que chamou de sua “autobiografia emocional”. Obra autoficcional escrita em dez volumes, que narra seu percurso pelo continente americano¹: sua infância em Petit Goâve (Haiti) – *L’Odeur du Café* [1991]² e *Le charme des après-midi sans fin* [1997]; sua adolescência em Porto Príncipe (Haiti) – *Le goût des jeunes filles* [1992] e *La chair du maître* [1997]; os últimos momentos antes de partir para o exílio no Quebec – *Le cri des oiseaux fous* [2000]³; as vivências em Montreal (Canadá) – *Chronique de la dérive douce* [1994], *Comment faire l’amour avec un Nègre sans se fatiguer* [1985] e *Éroshima* [1987]; as experiências nos Estados Unidos – *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?*[1993]; por fim, seu retorno ao Haiti, vinte anos depois – *Pays sans chapeau* [1996]⁴. Embora, após o término da “autobiografia americana”,

¹ As obras, embora narrem o percurso do autor, da infância à volta ao país natal, vinte anos depois do exílio, não foram publicadas em ordem cronológica.

² As datas entre colchetes se referem ao ano da primeira edição de cada romance.

³ Unicamente para facilitar a apresentação da análise das obras, dividi a “autobiografia americana” em dois grupos: o “ciclo haitiano”, as cinco primeiras obras que narram a vida do autor antes do exílio, e o “ciclo americano”, as cinco últimas obras que narram sua vida após o exílio. É importante ressaltar, no entanto, que minha compreensão da “autobiografia americana” é global e não fragmentada.

⁴ A partir deste momento, as obras com título mais extenso como *Comment faire l’amour avec un Nègre sans se fatiguer*, *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?*, *Chronique de la dérive douce*, *Le charme des après-midi sans fin* serão, respectivamente, chamadas assim: *Comment faire l’amour*, *Cette grenade*, *Chronique*, *Le charme*.

Laferrière anuncie seu cansaço em *Je suis fatigué* [2000] e peça aos seus leitores que cessem de considerá-lo um escritor em atividade, sua produção literária permanecerá bastante prolifera: em 2004 o autor publica uma nova versão de *Le goût des jeunes filles*; em 2005 uma nova versão de *Je suis fatigué*; em 2006, *Vers le sud*; em 2008, *Je suis un écrivain japonais* e, finalmente, em 2009, *L'énigme du retour*, obra contemplada com o prêmio Médicis, um dos mais importantes na França.

Toda a obra de Laferrière é intensamente marcada por deslocamentos em espaços reais e imaginários que narram a descoberta da alteridade e o encontro entre diferentes culturas e subjetividades. O autor reflete, através de uma narrativa autoficcional, sobre como sua identidade vai sendo construída à medida que é atravessado pelas diferentes culturas, as quais compõem o universo americano e sua escrita reflete essa pluralidade. Guiado por um olhar atento e curioso, o alter ego de Laferrière – denominado Vieux Os nos romances do “ciclo haitiano” ou simplesmente Vieux nos romances do “ciclo americano” – descobre o semelhante e o diferente, o familiar e o estrangeiro, o próximo e o distante, a fantasia e a realidade e um intrínseco desejo de simbolização da diferença.

O encontro com o Outro (e a representação da diferença) pode ser observado nas quatro atividades que preenchem a vida do narrador ao longo de seu percurso americano: o olhar, primeiro contato com o mundo, que motiva desejos, descortina o novo e reavalia o antigo; o sexo, metáfora política, espaço de transgressões, simboliza a realização do fantasma de apropriação do Outro interdito; a leitura, prática solitária, que simboliza a apropriação cultural (não passiva) e a viagem imaginária rumo à diversidade (de interpretações, sensibilidades, origens, linguagens) e, finalmente, a escrita, que seria a síntese, a expressão do “eu” metamorfoseado, ou seja, um espaço de (re)criação e (re)elaboração das histórias, lugares e leituras que compõem o universo do narrador. Partindo dessas reflexões, procurarei observar como as experiências do olhar, do sexo, mas, sobretudo, da leitura revelam-se estímulos indispensáveis para a criação literária do narrador (que também é escritor). Observarei, igualmente, a importância da literatura (tanto a leitura e quanto a

escrita), viagem inesgotável e sem fronteiras, para o autoconhecimento do narrador e a descoberta da alteridade na “autobiografia americana”. Para tal fim, privilegiarei a análise de *Je suis fatigué*, bem como das novas edições revisadas e aumentadas dessa última obra, de *Cette grenade* e de *Le goût des jeunes filles*, nas quais o autor pratica outra atividade que lhe confere grande prazer: redescobrir e reescrever a própria obra. Farei também alusão a outras obras da “autobiografia” e, em particular, a *Le cri des oiseaux fous*.

Je suis fatigué representa, ao contrário do que pareceu anunciar – o esgotamento, o fim de um percurso literário –, uma pausa necessária para a reflexão, para a elaboração e para a descoberta do sentido. Para falar do fim, o autor procura descobrir onde, ou melhor, “*comment tout a commencé?*” (Laferrière, 2001a: 95). Tomando um caminho inesperado, Laferrière volta às origens (do desejo pela escrita) e faz um balanço que entrelaça vida e obra. E, assim, revisita temas que foram essenciais em sua trajetória literária e na elaboração de sua “autobiografia americana”: a dor e o prazer da viagem, a leitura, as memórias da infância, a luta pela diversidade, a desconstrução dos estereótipos raciais e nacionais, entre outros. Daí a importância desta obra, tão simples quanto paradoxal, que, embora proclame o fim, tem o início como tema fundamental. Apesar de mencionar o esgotamento temático, revela um acúmulo de olhares e vivências; apesar de desejar concluir, deixa em aberto; apesar de ultrapassar seus limites e transgredir a si mesmo, retorna às origens, renovado. *Je suis fatigué* marca o fim de uma etapa e anuncia um recomeço, que é outro e, também, o mesmo. Como o simbólico título da peça de Alfred Musset, citada inúmeras vezes em *Le cri des oiseaux fous*, que narra o último dia do narrador no Haiti – *Il faut qu'une porte soit ouverte ou fermée* –, a literatura de Laferrière celebra o deslocamento, a transgressão, a pluralidade e estará, sempre e necessariamente, abrindo e fechando portas.

A fim de fazer uma reflexão sobre sua história como escritor, o narrador de *Je suis fatigué* retorna para onde tudo começou, a praça Saint-Louis, lugar onde, vinte anos antes, tomou a decisão mais importante de sua vida: começar a escrever.

Je suis assis, au square Saint-Louis, comme il y a vingt ans quand j'ai pris la décision de commencer mon premier roman. C'est un minuscule parc entouré de grands arbres feuillus, avec un jet d'eau au milieu, tout cela en plein cœur de Montréal (Laferrière, 2001a: 13).

É sentado neste banco do jardim Saint-Louis que começa e termina a sua narrativa, espaço de tempo durante o qual é “invadido” por pessoas, lembranças e reflexões. Vinte anos antes, ele se sentava na mesma praça para observar, sem ser notado; agora, um escritor reconhecido e foco de atenções, é, repetidamente, abordado por antigos amigos, conhecidos, leitores e até mesmo por seu editor, que insiste na publicação de um último livro. É a literatura (e seu processo criativo) que está no centro dos diálogos e das divagações solitárias do narrador, que reflete sobre os aspectos situados na raiz de seu imperioso desejo de escrever – os livros que leu, as cidades por onde passou, os (re)encontros que experimentou, as perdas que viveu, os preconceitos que sofreu, os conselhos que ouviu, as livrarias que frequentou. Em síntese, as vivências que fizeram dele um escritor. Um homem, segundo Laferrière, começa a “escrever” mesmo antes de saber ler, pois escrever é um jeito de olhar e de “volar”, “délirer” e “vivre pleinement”. É do amor pela escrita – que existirá embora publicamente interrompa sua carreira, embora esteja cansado, embora não venda seus livros ou seja esquecido – que fala em *Je suis fatigué*. A primeira edição do livro foi, a exemplo disso, distribuída gratuitamente a pedido do autor. “Avec ce titre, distribué gratuitement (5 000 exemplaires au Québec, 20 000 en France et 5 000 en Haïti), j'ai voulu souligner la fin de mon autobiographie américaine en offrant au lecteur ‘la tournée du barman’”(Laferrière, site TYPO). Com esse livro, o autor completa um ciclo e se despede do jovem narrador de *Comment faire l'amour*, faminto por sucesso, fama e olhares, que via na literatura sua única saída, em um duplo sentido: simbolicamente, para reverter a lógica da exclusão racial e, na prática, para ganhar a vida e sobreviver dignamente.

A primeira conhecida a abordar o narrador em seu banco de praça é a personagem *Kero*, uma entre as muitas japonesas – Keiko, Reiko, Hoki, Misako, etc. – com as quais Vieux se

relaciona sexualmente no romance *Éroshima*. Neste reencontro com o passado, o narrador revisita o tema dos clichês raciais, amplamente desenvolvido na “autobiografia americana”, e faz descobertas inesperadas. Em *Éroshima*, a relação entre Vieux e Kero é marcada pelo fantasma – “Elle, maso. Moi sado” (Laferrière, 1998: 68) – e pelas flagrantes oposições: um é oriental e o outro ocidental; um amarelo e o outro negro; um quase não fala e o outro é um falante incorrigível; um cultua as origens e o outro nem sequer as menciona; um é estilista e o outro, escritor. Ao contrário de Vieux, que naquele romance nem ao menos o nome de seu país de origem revela, Kero se mostra uma ferrenha defensora da história, da memória, das tradições e dos rituais japoneses – “je regarde avec fascination Kero exécuter ces gestes avec la plus grande précision” (Laferrière, 1998: 72), diz o narrador referindo-se à serenidade, à perfeição e à minúcia com que a japonesa prepara e serve o chá japonês. A partir daí, uma mescla de estranhamento (Kero lhe parece, por vezes, obscura e intraduzível) e encantamento toma conta das personagens, revelando um mútuo fascínio pela diferença – “j’étais autant fasciné par son silence qu’elle l’était par mon bavardage” (Laferrière, 2001a: 17). Mas é, sobretudo, durante o reencontro das personagens em *Je suis fatigué*, que o narrador compreende que Kero, muito mais do que um clichê, é, assim como ele, um ser complexo e peculiar. A linguagem (do riso) pela qual se expressava habitualmente Kero, e que parecia para o narrador superficial e distante, revela-se subitamente rica em nuances.

Le vocabulaire de ce langage semble au préalable très simple, sommaire même, par contre sa syntaxe se révèle diablement complexe. Qu’est-ce que j’ai mis du temps à le comprendre! Et je n’ajouterai rien à propos de son sourire. Là, le mystère est complet. Je parle ainsi mais peut-être que pour elle je suis encore plus mystérieux qu’elle pour moi. La parole peut cacher beaucoup plus que le silence (Laferrière, 2001a: 18).

O narrador percebe, assim, que a linguagem e o silêncio do Outro, a princípio esvaziados de sentido, podem ser eloquentes e cheios de significados. Na concepção de Laferrière, o “verdadeiro”

encontro com o Outro só é possível quando há um forte desejo de reconhecê-lo em sua alteridade, de acolher sua estranheza e seu lado inapreensível; em outras palavras, de abrir mão da tentação de aprisioná-lo em uma identidade sólida e transparente.

Tu sais Kero, je crois de plus en plus que nous faisons le même métier [...] c'est la même chose, seulement, moi, mon tissu c'est la langue. Le livre étant le vêtement. Et je te signale que j'utilise une paire de ciseaux afin de donner forme à mon bouquin. Quand je sens monter en moi une histoire, je vais toujours me balader, sans trop chercher à savoir où mes pas me conduisent. Et après, exactement comme toi, je laisse passer un long moment afin de m'assurer que ce n'est pas une toquade, mais une véritable obsession. J'attends que cela fasse partie de mon être, que cela me devienne aussi nécessaire que l'oxygène. Ce n'est qu'à ce moment que je commence un livre. Tu vois que nous ne sommes pas si différents (Laferrière, 2001a: 20).

Kero e Vieux também descobrem, nesse encontro (onde retiram suas máscaras), que, apesar de todas as diferenças e distâncias, são intensamente semelhantes, pois partilham algo essencial: o processo criativo. Laferrière desenvolve, a partir daí, a ideia de que o desejo e o ímpeto criativo, além de aproximarem práticas aparentemente díspares, podem estar ou brotar de onde menos se espera: de uma caminhada sem direção, de uma conversa despreziosa, de um poema que se lia na adolescência, de um reencontro ao acaso, de uma nota de jornal, de uma tarde na banheira ou daqueles momentos em que se acredita estar sem saída, na vida ou na arte.

No capítulo “La recette magique”, o narrador volta a esse tema, ao relembrar a inspiradora sabedoria da avó Da, que plantava e colhia generosidade nas situações mais adversas. Certo dia, conta o narrador, quando ainda vivia com Da em Petit-Goâve, mesmo sem ter o que comer, a avó encheu uma panela de água, pôs para ferver e foi para a varanda, esperando que o acaso ou os amigos viessem em seu auxílio. “Mais Da”, protestou Vieux Os, “on n'a encore rien mis sur le feu. Il n'y aura rien à manger tout à l'heure”, mas ela respondeu calmamente “on a déjà fait un pas important” (Laferrière,

2001a: 62). Surpreendentemente, como se saísse de uma “receita mágica”, a comida apareceu, oferecida por uns e por outros, sem que em nenhum momento fosse pedida.

Des années plus tard, quand j’ai commencé à écrire, je me suis souvent rappelé de la recette magique de Da. Il faut jeter les idées et les émotions sur la page blanche, comme des légumes dans un chaudron d’eau bouillante. Mais d’abord et surtout, on doit commencer à écrire même quand on ne sait pas quoi dire [...]. Da a eu l’audace de croire au hasard de la vie. Et c’est là la raison d’être même de l’écrivain. Il y a aussi l’idée que la cuisine est l’art le plus proche du roman (Laferrière, 2001a: 65).

Laferrière retoma, com essa anedota, uma outra ideia fundamental em sua “autobiografia”: a de que sua vida cotidiana está na origem de sua criação literária; em outras palavras, que sua vida real está intimamente ligada à sua vida sonhada.

No capítulo “Le vert paradis des lectures enfantines”, o narrador afirma que “tout a commencé, il y a très longtemps, au temps de la haute enfance. Je ne savais encore ni lire ni écrire” (Laferrière, 2001a: 55), fazendo referência ao fascínio pelo ato de ler, que o acompanhará durante toda a vida. O narrador faz alusão a um episódio de sua tenra infância, determinante para a descoberta do intenso prazer que a leitura pode proporcionar.

Un jour je suis entré (à l’aube, je m’en souviens) dans la chambre de mon grand-père. Il était assis, en pyjama, devant sa petite table et ne faisait aucun bruit. Sa tête se penchait légèrement en avant. Son buste restait tombé comme à l’ordinaire. Le visage fixe. Seuls les yeux bougeaient. Je fus pris de panique, ne l’ayant jamais vu dans cette position. S’il n’était qu’à quelques centimètres de moi, j’avais l’impression presque angoissante qu’il ne se trouvait pas dans la chambre. Son corps était là, mais son esprit vagabondait ailleurs. [...] Je n’ai su que des années plus tard que mon grand-père s’adonnait, toujours à l’aube, au plus intime, au plus jouissant des plaisirs solitaires. Cet homme était en train de lire (Laferrière, 2001a: 55-56).

A cena do avô, presente fisicamente, mas viajando mentalmente, impressiona e encanta o pequeno Vieux Os, que

se tornará, mais tarde, um grande adepto das deleitáveis viagens literárias, prazer solitário, intenso e íntimo, que a descrição de Laferrière aproxima do prazer sexual – “le sens et la musique des mots le pénètrent si intensément qu’ils l’avaient entraîné dans ce voyage mystérieux” (Laferrière, 2001a: 56). Essa viagem, que começou na pequena infância, foi capaz de transportá-lo para lugares desconhecidos, misteriosos, abrindo-lhe as portas de um mundo real e imaginário.

A leitura está, decididamente, na origem da mais profunda viagem feita pelo autor: sua “autobiografia americana”. Uma viagem feita no interior de si mesmo, de seus fantasmas, memórias e leituras. O autor revela, através de abundantes referências literárias, a sua paixão (e a do narrador) pela literatura e a importância da leitura para sua viagem rumo à diversidade. Vieux passa toda a “autobiografia” lendo; essa atividade é para ele quase tão importante quanto viver. Logo, sua narrativa, seu olhar para o mundo é intertextual e muitos de seus comentários e reflexões são permeados por alusões à literatura. Na edição revisada de *Cette grenade*, o narrador, após receber um cheque destinado a pagar os custos da viagem que deveria fazer pela América do Norte (a fim de escrever uma reportagem sobre a região), ao invés de partir prontamente, dirige-se a uma livraria e gasta todo o cachê em livros: a obra poética completa do poeta estadunidense Walt Whitman, alguns romances de Fiódor Dostoievski e uma narrativa de viagem de V. S. Naipaul. Em seguida, previne os amigos de que não quer ser incomodado, tranca-se em casa e entra na banheira, seu refúgio predileto para ler, ou melhor, iniciar sua viagem.

Comme je ne paie pas l’eau chaude, je peux passer des journées entières dans la baignoire. [...] C’est donc dans la baignoire, sans bouger sauf pour aller me préparer des spaghettis à la tomate la nuit, que j’ai fait le plus inquiétant voyage de ma vie (Laferrière, 2002b: 39).

Esse prazer, embora solitário, propicia a descoberta da pluralidade – de olhares, subjetividades e emoções –, que lhe permite vivenciar “exílios”, encontrar o próximo e o distante, o semelhante e o diferente, o “eu” e o Outro. Sem sair de sua

banheira quente, o narrador lê Whitman e o romancista beat Jack Kerouac, que percorreu durante anos os Estados Unidos e posteriormente escreveu o reconhecido *On the Road*. Vieux relê com entusiasmo esse romance autoficcional sobre as aventuras de dois jovens boêmios que atravessam os Estados Unidos de Nova York a São Francisco:

[...] je viens de relire ce roman et je ne vois pas comment il pourrait être plus fou, en tout cas le côté cru, en prise directe sur la vie, y est encore totalement présent [...] Il est aujourd’hui impossible de traverser l’Amérique sans penser au moins une fois à ce bon vieux Jack (Laferrière, 2002: 100).

O narrador vai, assim, por diferentes ângulos, sensibilidades, gêneros e estilos literários, descobrindo e mergulhando no imaginário norte-americano. E percebe que as representações da América do Norte podem se revelar tão ou mais significativas do que os deslocamentos que ele próprio venha a fazer pelo continente. Assim, a viagem literária lhe fornece um material (e um prazer) subjetivo que substitui a experiência real – “Je voyage dans ma tête. Je suis en ce moment dans un autobus qui descend dans le sud des États-Unis” (Laferrière, 2002b: 49). O narrador se entrega ao bálsamo dessa viagem imaginária que, para ele, agrega dois prazeres: o da leitura e o da escrita – “Whitman m’avait mis en appétit. Je retourne à ma vieille machine à écrire pour tenter d’inventer un nouveau continent” (Laferrière, 2002b: 47). Na origem do doloroso e avassalador desejo de escrever, a leitura se apresenta, na “autobiografia americana”, como fonte de inesgotáveis estímulos.

- Qu’est-ce que tu fais ?
- Je commence un reportage.
- Comment ça? Je croyais que, pour faire un reportage, il fallait être sur place...
- Le voyage a déjà commencé... (Laferrière, 2002b: 45).

A viagem, ou melhor, o texto começa a ser “escrito” muito antes de ir para o papel, através das leituras, das fantasias

e das sensações do narrador. A interlocutora de Vieux, sua vizinha Sonia, protesta contra tal prática, afirmando que o narrador deixa de lado o essencial, a veracidade dos dados, e que, assim, corre o risco de ser desonesto. O narrador responde que mais valiosa que a realidade é a sua representação; unicamente através da imaginação é possível se colocar no lugar do outro e se reinventar.

Qu'est-ce qui est malhonnête ? Le fait d'écrire qu'on est dans un autobus quand on n'a pas bougé de sa chambre ? Tu sais le mot autobus est plus vrai à mes yeux que l'autobus réel. Je te signale que le meilleur reportage jamais fait sur l'Amérique a été réalisé par un homme qui n'a presque quitté sa maison (Laferrière, 2002: 49).

A ideia da viagem literária que se sobrepõe à viagem real é recorrente na “autobiografia americana”. Em *La chair du maître*, por exemplo, o narrador fala com sua mãe sobre um professor incomum no contexto haitiano. Diferentemente da inconformada interlocutora Sonia, de *Cette grenade*, é a mãe do narrador que lhe fala sobre a liberdade e as viagens que a literatura pode proporcionar.

– Par exemple, il ne lit pas les mêmes choses que tout le monde.
[...]
– Maman, presque toutes les personnes de ma connaissance ne lisent que la poésie haïtienne. Lui, jamais, à part Vilaire. Je ne l'ai jamais surpris non plus en train d'écouter la musique haïtienne. Il n'écoute même pas les nouvelles à la radio. Parfois j'ai l'impression qu'il n'est pas d'ici...
– Peut-être...
– Pourtant, maman, il m'a dit qu'il n'a jamais voyagé.
– On peut aller partout dans sa tête, jette ma mère en soupirant profondément... (Laferrière, 2000c: 50-51).

O narrador de *Cette grenade*, além de passar seus dias entre as sessões de leitura, os banhos de banheira e a escrita da reportagem, não poderia viver sem um outro indispensável estimulante: o desejo sexual. Assim, entre um banho e outro, incia um romance com a vizinha Sonia – “il y a toujours ce

moment décisif où ma voisine, celle qui prend tous les étés des bains de soleil presque nue sur son balcon, s’amène pour que je l’aide à déboucher cette bouteille de vin rouge” (Laferrière, 2002b: 39) [...], “je ferme les yeux et elle entre toute habillée dans la baignoire” (Laferrière, 2002b: 40). Assim, sua rotina fica completa: ele lê, dorme, sonha (com o que lê), come, olha (o mundo pela janela), faz sexo, escreve, lê, dorme, faz sexo e assim sucessivamente.

Em *Je suis fatigué*, no capítulo “Comment je suis devenu écrivain”, o narrador relembra como surgiu pela primeira vez a ideia de se tornar escritor. Logo que chegou a Montreal, sentindo-se solitário, recebe do proprietário da boate que frequentava o seguinte conselho: era preciso encontrar rapidamente uma mulher para passar o inverno, senão a vida ficaria penosa demais, mas para conquistá-la haveria de mostrar algum talento! O narrador tem prontamente a grande ideia de se tornar escritor para, ao menos, garantir os prazeres do sexo nos meses de frio. O conselho deu certo, pois as mulheres e a inspiração (que germinava destes encontros) nunca faltaram para o narrador Vieux – “j’écrivais le matin, nu, généralement après avoir fait l’amour. La fille encore endormie, je tapais comme un dératé sur ma vieille Remington 22 qui a appartenu à Chester Himes” [...]. “Il y en a qui perdent leur force, moi, le sexe m’ouvre l’appétit littéraire” (Laferrière, 2005: 40).

Na edição aumentada de *Le goût des jeunes filles*, a leitura e o desejo sexual também aparecem como grandes estímulos para uma viagem no tempo e para a escrita do romance. O narrador inicia a narrativa falando (no presente da enunciação) de sua vida calma e previsível em Miami, no início dos anos 90, que em suas palavras “est devenue si simple que ne concerne que moi” (Laferrière, 2004a: 31). Até que três simbólicos episódios – o telefonema de Miki, amiga que não via desde a adolescência; a leitura de um artigo publicado na *Vogue* por Pasqualine, outra amiga da época, sobre o estilo de vida no Haiti no final dos anos 60 e, finalmente, a chegada de uma correspondência vinda do Haiti, enviada pela mãe: um livro do poeta haitiano Magloire Saint-Aude, o qual lia na adolescência – rompem a monotonia e trazem à tona lembranças de um tempo aparentemente

“esquecido”. “J’avais même oublié cette époque de ma vie, ou plutôt je l’avais confondue avec le reste” (Laferrière, 2004a: 32). As cenas que se seguem, narradas no capítulo “Ne jamais quitter ma salle de bains”, assemelham-se às cenas de leitura descritas em *Cette grenade*, pois o narrador entra na banheira com o livro de Saint-Aude e inicia mais uma viagem, que entrelaça a leitura do poeta de sua adolescência e as memórias daquela época – “Je retourne à la salle de bains, m’enfonce doucement dans l’eau tiède qui me protège des morsures du temps et des malheurs de la vie. J’ouvre le livre de Saint-Aude et je lis les derniers vers du poète” (Laferrière, 2004a: 26). Saint-Aude, poeta preferido do narrador quando jovem, é um “personagem ambíguo, escritor sensível, porém amigo de Duvalier, ele nasceu à imagem de Porto Príncipe, uma cidade ao mesmo tempo luminosa e violenta, sensual e corrompida” (Bernier, 2002a: 54). Talvez tenha sido, justamente, esses intensos contrastes que fascinaram Vieux Os na adolescência, período das turbulentas descobertas e dúvidas. Algumas horas depois, antes de abrir a *Vogue*, o narrador vai para um hotel, ao sul de Miami, aluga um quarto com vista para o mar, fecha as cortinas e novamente se deixa envolver pela água quente da banheira, “j’ai toujours préféré une bonne salle de bains à quelconque océan. Je fais couler l’eau. Et j’entre doucement dans le bain” (Laferrière, 2004a: 31). Ao começar a ler o artigo de Pasqualine, dá sequência à sua viagem de volta no tempo – “je me sens glisser doucement dans un autre monde” (Laferrière, 2004a: 31). Na *Vogue*, Vieux descobre que Marie-Michèle, outra amiga daquele tempo, havia publicado um diário intitulado *Fast Lane: Girls, Food, Sex, Music – The Sixties in Haiti*, sobre sua vida no final dos anos 60 e início dos 70 naquele país. As leituras funcionam como uma espécie de refúgio, que protege, acolhe e sensibiliza o narrador, fazendo surgir seu desejo de reviver e reescrever o passado – o tempo em que convivia com Pasqualine, Miki, Marie-Michèle e as outras meninas, que lia Saint-Aude e descobria o desejo. *Le goût des jeunes filles* narra precisamente o fascinante momento da iniciação sexual e poética do narrador. Pois Vieux, além de ler e citar o poeta Saint-Aude avidamente, durante toda a narrativa –

[...] je lis encore Saint Aude. Une véritable obsession. Normal, c'est la première fois qu'un être humain exprime ce que je ressens avec une telle précision. Et va au-delà de mes sentiments. J'ai l'impression de lire ma vie future. Saint-Aude exprime ce que je suis et ce que je serai (Laferrière, 2004a: 241).

–, vive sua primeira experiência sexual com a bela e sedutora Miki –

– Qu'est-ce que tu lis là? Tu lis encore... T'as toujours la tête dans ton livre, alors que j'ai l'impression que tu sais beaucoup de choses [...].

– Pourquoi tu dis ça, Miki ?Je ne sais rien....

– C'est ce que je vais voir...

Elle monte sur le divan avec ses souliers. Je me tasse près de la petite table. Elle me regarde tout en retirant chacune des ses chaussures qu'elle lance contre le mur (Laferrière, 2004a: 269).

Quase trinta anos depois, no espaço íntimo e solitário da banheira, se deixa envolver pelas lembranças iluminadas de poesia e desejo – “mon adolescence fut un tunnel noir et humide. J'avais oublié ce bref passage aveuglant de lumière” (Laferrière, 2004a: 32). E o resultado desse passeio pelo túnel do tempo é um livro que intercala diferentes narradores, estilos narrativos e olhares sobre a mesma época. Trata-se de um suposto roteiro cinematográfico escrito por Vieux Os adolescente (cujos capítulos têm epígrafes de Saint-Aude), do diário publicado por Marie-Michèle, única amiga da época de origem rica, e do texto que inicia e termina o romance, escrito pelo narrador aos quarenta anos. Esses narradores, embora tenham pontos de vistas, idades e classes sociais diferentes, têm em comum o amor pela literatura, pelo ato de escrever e um forte desejo de rever e reinventar o passado.

O diálogo intertextual e as diferentes referências à literatura também se mostram centrais em *Le cri des oiseaux fous*, onde Laferrière narra um dos episódios mais dramáticos de sua história. Em 1972 (um ano após a morte de François Duvalier e do início do governo de seu filho Jean-Claude Duvalier), o autor, seguindo os passos do pai, inicia sua carreira de jornalista, primeiro como crítico de arte no jornal *Nouvelliste* e mais tarde como comentarista político no jornal *Le Petit Samedi Soir*.

Em 1976, seu amigo e parceiro, jornalista Gasner Raymond, é brutalmente assassinado depois da publicação, no *Le Petit Samedi Soir*, de uma série de artigos sobre a primeira greve sindical no Haiti. No romance, o drama vivido pela família do personagem de Gasner se confunde com o drama vivido pela protagonista da peça *Antígona*, de Sófocles, representada por um grupo de estudantes da escola de Vieux Os e citada inúmeras vezes pelo autor. Trata-se de uma adaptação para o crioulo, feita pelo poeta haitiano Félix Morisseau-Leroy⁵, pretendendo mostrar que essa língua, habitualmente subjugada, poderia expressar todas as nuances da alma humana. A peça conta, em grandes linhas, a história da jovem Antígona, filha de Édipo, e seu desejo de enterrar o irmão, Polinice, que atentou contra a cidade de Tebas, mas o tirano da cidade, Creonte, promulgou uma lei impedindo os mortos que se voltaram contra as leis locais de serem enterrados. Antígona, enfurecida, vai, então, sozinha, desafiar o poder e enterrar o irmão. Mas, condenada à morte por Creonte, enforca-se. A peça de Morisseau-Leroy se passa no meio camponês haitiano, em uma pequena cidade também chamada Tebas. Na versão haitiana, as adivinhações são feitas através de rituais do vodu – são colocados em cena diversos deuses (loas) do imaginário vodu, como Erzulie, Legba, entre outros –, e a coragem da heroína Antígona pode ser associada à força da mulher haitiana. Montar a peça em crioulo representou, para as personagens do romance de Laferrière, uma maneira de lutar pela liberdade de expressão e pela identidade cultural do povo haitiano. Em *Le cri des oiseaux fous*, a mãe e a irmã de Gasner, assim como a jovem Antígona, foram proibidas de velar e enterrar o corpo do irmão, que estava em propriedade do Estado.

Devant moi se tient la fière Antigone. La sœur de Gasner, comme l'Antigone de Sophocle et de Morisseau-Leroy, pleure la mort de son frère et se révolte contre Duvalier-Créon qui s'oppose à ce qu'on l'enterre selon les rites funéraires de la foi de sa famille (Laferrière, 2000b: 283).

⁵ Félix Morisseau-Leroy nasceu em 1912 no Haiti, onde exerceu as profissões de dramaturgo, romancista, poeta, diretor de teatro e tradutor.

Segundo Vieux Os, o caráter subversivo da peça fez com que ela não pudesse entrar em cartaz no Haiti durante muitos anos; mas, com a morte de Gasner, os alunos do grupo de teatro, identificados com o drama da personagem, impõem a sua representação. A peça se tornou um enorme sucesso de público em Porto Príncipe, pois somente através dela, sentimentos de revolta coletiva puderam vir à tona, em uma espécie de catarse simbólica. Assistir, participar, ler, debater a peça se torna uma forma de protesto, a única viável naquele regime ditatorial. *Antígona* rompe o silêncio e responde por eles, dando, simbolicamente, voz ao silenciado – “je crois que c’est notre réponse à l’assassinat de Gasner. Le pouvoir s’attendait à nous voir baisser les bras. On voulait nous terroriser, nous faire peur, nous désespérer totalement. Antigone répond à notre place” (Laferrière, 2000b: 143). Pois os homens, como afirma Antígona, podem ser coagidos, humilhados, violentados em sua liberdade, mas jamais serão completamente silenciados – “por mais que os tiranos sejam afeitos a um povo mudo, o povo sempre fala. Fala sussurrando, amedrontado, à meia-luz, mas fala” (Sófocles, 2005: 98). A peça narrada dentro do romance representa, para autor e narrador, uma forma de traduzir vivências e sentimentos profundos – “peut-être que l’histoire d’Antigone raconte ce que nous vivons en ce moment. Une pièce à l’intérieur de la grande pièce. Un théâtre dans le théâtre de la vie...” (Laferrière, 2000b: 176). Revisitar *Antígona* é também uma forma de mostrar que, por trás das aparentes diferenças, há inúmeras teias invisíveis de conexão entre as obras de Sófocles, Morisseau-Leroy e Laferrière, “il n’y a pas une si grande différence entre ma culture et la sienne [de Sófocles]. [...] Sommes-nous si différents des autres ?” (Laferrière, 2000b: 42). No romance *Chronique*, que cronologicamente sucede *Le cris des oiseaux fous*, Laferrière também faz uma referência indireta a *Antigone*, nesse caso, de Jean Anouilh. Vieux Os, negando-se a aceitar o destino de fracassos e submissões no exílio, sem modéstias, estabelece seus objetivos.

J'épingle cette note
 sur le mur jaune,
 à côté du miroir:
 «Je veux tout:
 les livres,
 le vin,
 les femmes,
 la musique,
 et tout de suite» (Laferrière, 1994: 44).

A personagem Antígona, que na peça de Anouilh poderia ser compreendida como uma metáfora da Resistência Francesa durante a Segunda Guerra, diz algo similar ao inconformado Creonte: “Moi, je veux tout, tout de suite, et que ce soit entier, ou alors je refuse! Je ne veux pas être modeste, moi, et de me contenter d'un petit morceau, si j'ai été bien sage” (Anouilh, 1946: 95). Embora se passem em lugares e épocas diferentes, trata-se de uma mesma história, que fala de amor e lealdade.

L'histoire de cette ardente jeune fille qui a affirmé en face du pouvoir et des tous les pouvoirs que seul l'amour l'intéressait, que l'amour était au dessus du devoir d'État et que l'amour est plus fort que la loi. L'amour d'une sœur pour son frère, d'une mère pour son fils, ou d'un homme pour une femme (Laferrière, 2000b: 40).

Laferrière faz, igualmente, referência, em *Le cri des oiseaux fous*, a um episódio histórico (ocorrido em 1964, no Haiti, onze anos após a primeira representação da peça de Morisseau-Leroy), no qual treze jovens militantes do movimento “Jeune Haïti”, após o fracasso de uma de suas ações para derrubar a ditadura, foram mortos, tendo sido dois deles fuzilados em praça pública. François Duvalier proibiu terminantemente que fossem enterrados ou tivessem qualquer ritual fúnebre. Laferrière transita, assim, nesse romance e na “autobiografia americana” como um todo, entre obras de ficção existentes – as peças de Sófocles e Morisseau-Leroy –, a realidade – o fuzilamento dos jovens do “Jeune Haïti” e a morte do amigo jornalista Gasner Raymond em 1976, assassinado por sua postura política – e a sua própria ficção. Nesse sentido, sua

literatura, enquanto lugar do encontro entre o mundo vivido, pensado e imaginado, apresenta-se como importante meio de reflexão sobre a realidade, a contemporaneidade e de se transportar mundo afora.

A intertextualidade revela, segundo a teórica da literatura Janet Paterson, um desejo de questionar as hierarquias, as fronteiras e desmistificar as noções de originalidade e autonomia que reforçam sistemas de exclusão. Esse diálogo entre diferentes textos expressa não somente a visão de mundo do autor, mas sua compreensão de que a obra literária é um espaço de incontornáveis influências e transferências culturais, que modifica e é recorrentemente modificada por outras obras. Os sentidos nascem das interpretações dessa complexa interação textual, que podem variar em função do leitor, do momento histórico ou das escolhas interpretativas. Assim, a intertextualidade pode ser entendida como diálogo entre diferentes textos, autores, leitores e realidades. Para Laferrière, a literatura é, justamente, um importante espaço de diálogo, em que escritores e leitores de diferentes tempos e origens partilham sonhos, angústias, emoções, pontos de vista, sem que seja preciso sair da “banheira natal”. Nesse sentido, a obra literária não tem nacionalidade, raça, gênero ou classe social; é um território livre e sem fronteiras, que pertence ao imaginário.

Pour moi, un écrivain c'est quelqu'un qui arrive au-delà de sa langue et son paysage naturel [...] parce que quand on écrit, on écrit pour se transporter ailleurs, quand on lit, on lit pour se transporter ailleurs. [...] Il faut protéger ce territoire vierge qui est celui de l'imaginaire pour qu'aucun pays ne puisse mettre sa pelle dessus (Laferrière, 2007).

Na última parte do livro *Je suis fatigué*, o alter ego de Laferrière tem um encontro importante, no mesmo banco de jardim onde começou sua história, com uma leitora que leu todas as suas obras e se diz transformada e positivamente invadida por elas.

Je vous ai découvert avec L'odeur du café. Comme je n'ai pas beaucoup d'argent, je ne voyage pas souvent. Ce livre m'a permis d'aller très loin. Depuis je connais votre grand-mère,

votre chien, les canards de Naréus, le notaire Loné, tous ces gens d'une petite ville d'Haiti que je ne visiterai peut-être jamais. La plupart sont morts depuis longtemps, mais je les connais tous. Leur vie m'emporte plus que celle des gens que je côtoie chaque jour (Laferrière, 2001a: 127).

De certa forma, é essa leitora desconhecida e “apaixonada” que melhor vai responder as perguntas colocadas pelo narrador no livro em questão, “por que escrever e por que parar de escrever?”: “vous ne pouvez pas décider, tout seul, d'écrire un livre ou de ne pas l'écrire. Cela vient d'une zone plus profonde et plus étrange que la volonté” (Laferrière, 2001a: 128). Suas palavras são oportunas, pois vão ao encontro das ponderações feitas pelo narrador, desde o início de *Je suis fatigué*, a respeito dos incontáveis e *incontroláveis* sentimentos, episódios, mistérios e desejos que o levaram a escrever os dez volumes de sua “autobiografia”. Se as razões que levam um escritor a parar (ou não) de escrever forem tantas e tão profundas quanto as que o levam a começar, uma decisão racional não será suficiente para tanto. O mesmo se dá com relação ao leitor: uma escolha consciente não o fará se entusiasmar, se encantar ou, ao contrário, abominar um livro. Segundo Antonio Candido, a literatura é uma “varinha de condão” que nos permite descobrir a nós mesmos e ao mundo que nos cerca, a cada livro como em um passe de mágica, um novo universo, uma nova sensibilidade se descortinam para o leitor. É a magia da literatura que permitiu a essa leitora desconhecida sentir-se tão próxima de uma cidadezinha do interior do Haiti, Petit Goâve, e de seus habitantes; é essa magia que nos faz chorar ao ler a narrativa da morte da avó Da ou nos emocionar com a volta do narrador ao país natal; ou migrar de Porto Príncipe ao *pays sans chapeau*⁶ de volta a Montreal, sem sair do lugar.

Si les livres gardent vivant l'esprit de leurs auteurs, c'est pour qu'on puisse s'entretenir avec eux. [...] Un livre, c'est un esprit qui frappe à la porte, et non un idiot qui monologue dans

⁶ “País” dos mortos no imaginário haitiano.

le noir. Pourquoi écrire si ce n'est pas pour partager des rêves et des angoisses avec des gens d'une autre époque, d'un autre âge, d'un autre milieu ? Et je suppose qu'on lit aussi pour les mêmes raisons. Le dialogue est donc possible (Laferrière, 2005: 78).

Para concluir, diria que a obra de Laferrière, escrita da alteridade e espaço de transformação, além de levar à descoberta da diversidade (do inusitado) no Outro, leva à descoberta do Outro que existe em si – de seus fantasmas, sonhos, medos e perversões. O que lhe interessa ao escrever é fazer emergir o lado obscuro e imprevisível, tanto do homem quanto da História. Concorda, portanto, com a lição de André Gide, segundo a qual não se pode fazer boa literatura com bons sentimentos. “C'est mon travail d'aller patauger dans la boue. Je laisse aux fonctionnaires d'État l'eau claire de la propagande. Leur devise est d'une netteté impeccable: Si on cache bien le problème, il finira bien par disparaître” (Laferrière, 2000: 154). Sua literatura se revela, assim, intensamente política – embora não esteja engajada na defesa de nenhuma minoria, racial ou nacional –, na medida em que questiona o mundo nomeado pela cultura hegemônica, expõe suas injustiças, fraquezas e deficiências e desconstrói representações monorreferenciais e estereotipadas do homem americano, que se foram criando desde os primórdios da colonização. Em síntese, a ficção de Laferrière tem uma função mediadora – entre realidade e fantasia, vida pública e vida privada, entre o lá e o aqui, os desejos inconscientes e a razão – e transgressora, à proporção que questiona, reinventa e descobre novas possibilidades do mundo real.

Referências

- ANOUILH, Jean. *Antigone*. Paris: La Table Ronde, 1946.
- BERNIER, Silvie. *Les héritiers d'Ulysse*. Outremont: Lanctôt, 2002.
- GAUTHIER, Louise. *La mémoire sans frontière: Émile Ollivier, Naïm Kattan et les écrivains migrants du Québec*. Québec: L'IQRC, 1997.
- LAFERRIÈRE, Dany. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-*

- elle une arme ou un fruit?*. Montréal: Typo, 1993.
- _____. *Chronique de la dérive douce*. Montréal: VLB éditeur, 1994.
- _____. *Éroshima*. Montréal: Typo, 1998a.
- _____. *Le charme des après-midi sans fin*. Paris: Le serpent à Plumes, 1998b.
- _____. *Pays sans chapeau*. Outremont: Lanctôt, 1999a.
- _____. *L'odeur du café*. Montréal: Typo, 1999b.
- _____. *J'écris comme je vis*. Outremont: Lanctôt, 2000a.
- _____. *Le cri des oiseaux fous*. Paris: Le serpent à Plumes, 2000b.
- _____. *La chair du maître*. Paris: Le serpent à Plumes, 2000c.
- _____. *Je suis fatigué*. Outremont: Lanctôt, 2001a.
- _____. *Comment faire l'amour avec un Nègre sans se fatiguer*. Montréal: TYPO, 2002a.
- _____. *Cette grenade dans la main du jeune Nègre est-elle une arme ou un fruit?*. Montréal: VLB éditeur, 2002b.
- _____. *Le goût des jeunes filles*. Montréal: VLB éditeur, 2004a.
- _____. *Je suis fatigué*. Montréal: Typo, 2005.
- _____. Entrevue avec Dany Laferrière par Irene de Paula, 2007a.
- PATERSON, Janet M. Le roman postmoderne: mise au point et perspectives. In: _____. *Moments postmodernes dans le roman québécois*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 1993.
- _____. *Figures de l'Autre dans le roman québécois*. Québec: Éditions Nota bene, 2004.
- PAULA, Irene de. *Fantasmás e representações: construções e desconstruções do negro em Dany Laferrière*. Niterói, 2003. Dissertação [Mestrado em Letras] – Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF.
- _____. *Migrações imaginárias e representações da diferença na "autobiografia americana" de Dany Laferrière*. Niterói, 2007. Tese [Doutorado em Letras] – Programa de Pós-Graduação em Letras da UFF.
- SÓFLOCLES. *Édipo Rei. Antígona*. São Paulo: Martin Claret, 2005.
- TYPO. Fiche d'auteur: Dany Laferrière. In: <<http://www.edtypo.com/ficheAuteur.aspx?codeaut=LAFE1002>>.